

OS SERTANEJOS E SUA LABUTA DIÁRIA: alternativas de sobrevivência frente à seca

Emily Rodrigues dos Santos ¹

Resumo: A seca de 1932 foi uma das mais severas que se tem notícia na região de Jacobina-Ba e marcou profundamente a memória da população que sofreu suas consequências, assim como, as gerações posteriores. O presente trabalho tem por objetivo compreender, essas e outras questões através do cruzamento entre a História Oral e a imprensa local, onde utilizamos os jornais *O Lidador* e o *Correio do Sertão* a fim de perceber de que maneira a seca desestruturou a vida dos sertanejos, impondo o colapso do sistema produtivo rural, obrigando, principalmente, a população mais carente a recorrer a diversas estratégias para sobreviver aos efeitos da estiagem, dentre elas a adequação da dieta alimentar, sendo necessária a utilização de sementes e raízes silvestres que eram utilizados apenas quando todos os outros recursos se extinguíram, muitas apresentando inclusive características nocivas à saúde.

Palavras chave: Sertanejo, Seca de 1932, Jacobina

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo compreender as relações que se estabeleceram no período da seca de 1932 em Jacobina-BA assim como, a luta constante dos sertanejos pela própria sobrevivência. A seca entendida enquanto produto histórico e social, não apenas o fenômeno natural em si, mas o momento que o cercou, pode constituir-se em uma chave importante de compreensão da realidade histórica e social de Jacobina no período.

Segundo Gonçalves (2000),

O caráter de excepcionalidade da seca oferece oportunidades de acesso ao cotidiano dos sertanejos, permitindo verificar, a partir do excepcional, interdependências, regularidades que apontam para a composição social do sertão baiano.²

Para compreender essas e outras questões buscaremos analisar alguns aspectos referentes a seca através do cruzamento entre as fontes orais e a imprensa local. Através da História Oral buscaremos trazer à tona as memórias de pessoas que vivenciaram a estiagem de 1932, percebendo que há uma relação indissociável entre passado e presente, onde a memória é fruto de reelaborações constantes. Dessa forma, estas memórias podem contribuir para

percebermos aspectos sobre o cotidiano e as vivências desses sertanejos no período de 1932, como afirma Thomson a respeito da História Oral

(...) esforço de recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles que normalmente permanecem invisíveis na documentação histórica convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência.³

A seca de 1932, nos mostra para além da inclemência do clima, o descaso a que foi submetida a população da região ou de que forma a elite local estava mais preocupada em se beneficiar dos recursos destinados aos flagelados.

Adaptação da dieta alimentar.

A seca provoca graves consequências na vida da população mais carente, impondo o colapso do sistema produtivo rural, dificultando o abastecimento dessa população quanto à água e gêneros alimentícios de primeira necessidade e ampliando em larga escala o desemprego. Assim, segundo Albuquerque Jr “A fome endêmica, disfarçada, periódica, passa a ser com a seca fome epidêmica, absoluta, permanente”⁴. Dessa maneira, a seca apenas desnuda, e agrava um quadro preexistente de pobreza.

Apesar de a seca ser um fenômeno que ocorre de modo generalizado por toda a região semiárida, seus efeitos se manifestam de forma diferenciada sobre a população. Essa diferenciação se baseia na capacidade de resistência de determinados segmentos sociais frente aos efeitos da estiagem. Para os grandes e médios proprietários, a seca traz prejuízos em relação à produção, como a perda de lavouras ou diminuição dos rebanhos. Entretanto, para a população composta por pequenos proprietários, empregados assalariados ou temporários, a seca se apresenta como o período em que o seu estado de pobreza se agrava e esses caem em estado de mendicância.

Um dos principais aspectos ressaltados quando se discute sobre a seca é a fome. A seca de 1932 desestruturou todo o sistema produtivo rural da região, agravando a situação da grande maioria da população, que já enfrentava dificuldades cotidianamente. Dessa forma, foi necessário por parte dessa população, a readaptação da rotina dessas famílias, que passaram a buscar nos pouquíssimos recursos que a natureza ainda dispunha, meios para se alimentarem, fazendo o uso de raízes e sementes silvestres, a exemplo da mucunã, o bró, entre outros.

Faz parte desta dieta forçada dos flagelados pela seca inúmeras substâncias bem pouco propícias à alimentação, das quais os habitantes de outras zonas do país nunca ouviram falar que fossem alimentos. Substâncias de valor estranho, algumas tóxicas, outras irritantes, poucas possuindo qualidades outras além da de enganar por mais algumas horas a fome devoradora, enchendo o saco do estômago com um pouco de celulose.⁵

A perda da safra colocou essa parcela da população em situação de indigência, por que, em sua maioria eram pequenos proprietários ou trabalhavam em terras alheias. Assim, com a seca, além de se depararem com a falta de alimentos e água, eles não tinham recursos para comprar os gêneros de primeira necessidade, porque perderam também sua fonte de renda, provocando, simultaneamente, a redução na oferta de alimentos, a conseqüente alta dos seus preços e o desemprego, numa região onde era grande a instabilidade ocupacional dos trabalhos assalariados temporários.

Ao analisar a seca de 1932, na região de Canabrava do Gonçalo, Daiane Dantas Martins aborda que os sertanejos nos tempos de escassez necessitavam reorganizar as atividades diárias para obtenção de alimentos que permitissem a sobrevivência, principalmente para as famílias com maiores dificuldades econômicas. Ainda segundo Martins ⁶ “Elas tiveram que recorrer a raízes e frutos silvestres, não aproveitados na ausência da seca, inclusive pelas características nocivas à saúde apresentadas por alguns destes alimentos”. A exemplo da mucunã, leguminosa que apresentava propriedades nocivas a saúde, portanto, só era utilizada quando todos os meios para conseguir alimentação falharam. O senhor Lindolfo assim nos fala das agruras sofridas no período pela camada mais pobre,

Trinta e dois foi de acabar tudo, acabou, um pingão de feijão não tinha, farinha não tinha e quem não quisesse morrer comia bró, quem podia tirar o bró, comia bró (pausa) é assim. E farinha um caroço não tinha em terra nenhuma, lugar nenhum, no sul tinha, no sul tinha farinha, mas quando uma pessoa pegava um animal que ia buscar no caminho morria, botava lá um saco de farinha no caminho viajava, não chegava aqui não⁷.

Assim, durante a seca, sementes e raízes que não eram utilizadas normalmente, passam a ser usadas como alimento para as pessoas e os animais.

Entre as famílias que compõem a flora xerófila destacam-se as cactáceas, tais como as palmatorias, os mandacarus, os xique-xique e os faicheiros.

Plantas dum valor inestimável na época das secas, ajudando a gente e o gado a escapar aos seus rigores mortíferos.⁸

Dentre essas espécies uma das mais importantes para os sertanejos foi o licuri, segundo Oliveira (2009) “O licuri (*Syagrus caronata*) é uma palmeira nativa do semiárido, de frutos comestíveis, cuja medula fornece fécula e cujas sementes produzem óleo”⁹. O caule do licuri foi utilizado por boa parte da população, especialmente a mais carente, como alimento. A utilização do bró foi comum, usado como o último recurso diante da total escassez imposta pela estiagem, o senhor Palestino relembra como era o processo para retirar o bró do licurizeiro,

O bró tinha que derrubar o licurizeiro, o licurizeiro baixo, tirar a ingarra daqui pra baixo, era limpo daqui pra baixo a madeira, depois a ingarra, até dentro da ingarra. Primeiro se derrubava o licurizeiro, (...) vinha tirar aqui, descascava dois licurizeiro e botava no animal, levava pra bater lá, descascava o licurizeiro, cabá cortava as tora, rachava com a cuia da enxada, fazia uma cuia com a enxada, rachava, botava numa esteira por que lá tinha lagedo, botava numa esteira no tempo batia com cêpo, sacudia caia a massa, tinha licurizeiro de ser como melhor do que farinha, era tapioca pura, alvinho, ali cozinhava o cuscuz.¹⁰

Dona DeJulina também nos falou como era o processo para transformar o palmito do licurizeiro em alimento,

(...) batia aquele bró, batia, batia, assim lá em casa onde eu moro tem um lajedinho, (...) chamava o lajedo do bró, estendia aquele bró, num vê uma serragem de pau, uma serragem de madeira, bem vermeia? era aquela .Quando tava seco ia pro pilão, ia pro pilão, quando acabava cessava numa arupemba, fazia ou o cuscuz ou beiju, agora ia comer aquele cuscuz ou beiju de bró, num vê moía um bucadinho de uma areia bem vermeia e fazer? era assim, era sorto, tinha um fedor assim marguento num sei cuma era.¹¹

Como podemos perceber era um processo trabalhoso, sendo um conhecimento desenvolvido através de uma relação próxima com a natureza e que deveria ser passado de pai para filho. Assim o Senhor Luiz relembra que,

Bró, nós comemo muito o bró, eu eu já era grandinho, eu ia mais meu pai, meu pai, meu pai nós furava os licurizeiro, aqui acolá nós achava um que prestava, que tinha madeira, na canela do licurizeiro , era uns não era todos não. Batia pra fazer o cuscuz, eu ainda vi fazer o cuscuz de bró, eu ví, fazer cuscuz de bró em 1932 pra entrar em 33.¹²

Para além do licuri outras plantas e raízes eram usadas em momentos de estiagem, como o chique-chique, a palma, como mostrou a reportagem do Jornal *Correio do Sertão*:

A maior parte do povo, em todo Município, está se alimentando com o bró de uricuriseiro, mandacaru, farinha de umbú, raiz de parreira e outras raízes nocivas que só tendem a depauperar o phisico dos nossos pobres irmãos, já infelizmente aniquilados pelo lado moral.¹³

Dona Dejulina salienta que não foi apenas o bró que a população da região utilizou,

Outros era batata de imbu, metia o pé rancava o bichinho pela raiz cavano aquela batata, o bró era ruim mas a batata era pior, por que secava ficava que nem uma prana de cangaia, (...) ficava aquela lama, tu botava ela numa agua quente agora ela ficava assim por cima nadano, nadano¹⁴

O senhor Palestino também aponta outros alimentos,

(...) entonce a comida da seca era essas, o bró, o mucunã, batata de imbu vixe! foi o mais ruim que houve. Os imbuzeiro (...) debaixo dos imbuzeiros era tudo cavado do povo cavar, tirar a batata, mas a comida era ruim, era ruim, ruim a massa seca, moiava com caldo de carne e ainda assim não se podia comer direito, mas de qualquer maneira enchia o bucho né?¹⁵

A mucunã também foi muito utilizada pelos sertanejos, mas havia uma série de dúvidas e receios a respeito da sua utilização. Havia a crença, por parte da população que a mucunã era venenosa, por acreditar que a mesma possuía características nocivas a saúde, havia alguns procedimentos para a sua utilização, segundo o senhor Palestino para que se pudesse comer a mucunã era preciso alguns cuidados “Agora é um veneno esquisito, era lavado em nove água, se fosse na lua nova ainda embebedava gente. Ainda tinha gente que não guentava ele, embebedava pra ficar ai largado, era lavado em nove água”¹⁶. A mucunã era usada para fazer uma espécie de cuscuz e para comê-lo havia ainda uma época específica “Alvinha, eu comia, lavava na água, uma liga danada, fazia o cuscuz, pra cortar dava trabalho, tinha de comer ele frio, na estação de lua nova não comia, lavava o tanto que lavasse”¹⁷.

Dentro do conjunto de saberes que foram sendo formulados a partir da convivência com a natureza e que faziam parte do cotidiano dessa população, os sertanejos criaram maneiras para que a mucunã pudesse ser usada como alimento, fazendo com que fosse retirado o seu veneno. Mas segundo Castro (1984) a mucunã não é venenosa, mas pelo contrário rica em vários nutrientes importantes, assim segundo ele, “Trata-se, pois, de um

alimento vegetal extremamente rico em proteínas, dos mais ricos do mundo, quase idêntico a soja (com 38%) e altamente energético por seu conteúdo de hidrocarbonetos”¹⁸

Dessa maneira, podemos perceber que a utilização dessas raízes e frutos silvestres, como foi abordado, somente eram utilizadas nos momentos de escassez pela camada da população mais carente, portanto, a seca não atingia a todos com a mesma intensidade. O senhor Lindolfo, por exemplo, se encontrava em uma situação financeira um pouco melhor do que boa parte da população, apesar de sua mãe ser viúva e ter oito filhos, ele nos conta que eles tinham um rebanho de ovinos considerável, ele nos relata que,

Por que nós mesmo lá em casa num murrimo e também comia muito carne, que a criação, a criação era de matar três por semana, que era carne, era criação, era criação que tava nagejano, foi sumindo, sumindo, sumindo. Ói em 32, um dia mamãe disse: hoje é pra prender as criação de Lindolfo pra saber quantas tem, as ôveia, ai os meninos de tarde foi juntar, de tarde foi juntar as ôveia tinha dormido num dormidor (...), que era ôveia, era ôveia mesmo. Ai eles chegaram, eles arrudiararam, ela disse: pega, tinha dois curral, bota as de Lindolfo pra um canto e as outras pra outro, ai os meninos pegaram aqueles (...) correno e pegano ainda contou setenta e duas cabeça minha, só minha, setenta e duas cabeça de ôveia, quando acabou a seca ficou as duas. (risos) As duas contadas, as duas contadas nesses dois dedos ai. A seca comeu tudo, comeu, esparramou, morria e e e esparramou tudo ficou duas pode jurar isso na verdade como a isso que lhe digo e foi assim minha fia.¹⁹

Podemos considerar que o senhor Lindolfo e sua família estavam no grupo dos que possuíam suas próprias terras, portanto eram os produtores. Ainda que a seca tenha atingido a sua família de forma bastante intensa como ele ressalta “(...) ainda contou setenta e duas cabeça minha, só minha, setenta e duas cabeça de ôveia, quando acabou a seca ficou as duas” é possível perceber que a família conseguiu administrar os efeitos da seca de forma mais tranquila, como afirma o senhor Lindolfo, ele e sua família não comeram o bró” (...) é, o bró, eu mesmo não comi o bró. Eu não comi e o meu povo também, morria de fome mas não comia, mas passava fome”²⁰.

É inegável o prejuízo causado pela seca, seja por que a criação morreu de fome, ou foi roubada ou ainda por que foi o último recurso utilizado pela família como maneira de se manter, mas o que queremos demonstrar é que essas famílias possuíam melhores condições para enfrentar a seca, não comendo o bró, por exemplo, mesmo que fossem pouquíssimos os recursos disponíveis, ainda havia a opção de se utilizar de seu rebanho, diferentemente da população que, não sendo proprietária, vendia sua força de trabalho aos fazendeiros da região,

o que é chamado ainda hoje de trabalhar de macaco²¹. Segundo Oliveira “talvez tenha esse nome por fazer referencia ao símio, já que os trabalhadores, tal qual esse animal, viviam de galho em galho, vendiam sua força de trabalho para diferentes patrões”²². O trabalho era extremamente desgastante, esses trabalhadores, capinavam, plantavam e colhiam, no entanto, a remuneração recebida era baixíssima, o que impedia esses trabalhadores de manter de forma digna suas famílias.

Para além da fome, essa população enfrentava ainda dificuldades para conseguir água, para os seres humanos e para os animais. Todos os depoentes abordam as dificuldades enfrentadas para conseguirem água. O senhor Lindolfo lembra que,

A seca de 32 minha fia só de fala ela por que é o jeito, mais ói, foi uma seca, não tinha um pingão d'água, passou três anos sem nada, sem um pingão d'água, se num tinha chuva (...) quatro horas ia pro rio panhar água (risos) quando chegava no rio panhava um pote de água saia bebendo com ele até em casa (...)²³

É possível supor que essa água deveria em muitas situações ser de péssima qualidade, o que piorava e muito a saúde dessa população já fragilizada devido à má alimentação. A falta de água piorava as condições de higiene dessas pessoas, o que contribuía para o surgimento de várias doenças que atacavam os corpos já bastante debilitados. O senhor palestino nos conta que para obter água, quando chovia em algum lugar, retiravam a água das folhas do gravatá, segundo ele,

Água era a coisa mais difícil, dava um sereno de chuva, os gravatá era tudo limpo arrumadinho assim (...) assim e a chuva era assim uma aqui outra ali, uma manguinha de chuva, enchia os gravatá e agora pegava numa bacia pra beber, pra dar água a um bichinho.²⁴

Dona DeJulina nos conta também as dificuldades que enfrentou para conseguir água,

(...) viva Deus, secou o rio, secou todo rio secou, nos lugar tinha aquele poço, num tem uns lugar que tem aqueles poço grande que sempre fica mais fundo (...)de baixo de um pé de pau onde secou aquela água, ficava meio moiado o povo picava o pau cavava pra fazer uma cacimba, todo mundo (...)²⁵

A situação da população de Jacobina era de extrema carência, situação agravada nos tempos de escassez, pois a estrutura social dependia diretamente da agricultura, como mostra a reportagem publicada em *O Lيدador*, no qual o Cel. Francisco Rocha Pires pede ao

Interventor Federal Cap. Juracy Magalhães, que não cobrasse o imposto sobre a carne verde no município, devido as consequências da seca.

Assim testemunham os que conhecem de perto o Sertão, demonstrando-o ao mesmo tempo as estatísticas. Estamos ainda experimentando as vissitudes produzidas pela maior secca até então verificada, e o povo, que vendeu para se alimentar os seus últimos recursos, este mesmo povo que extinguiu os extensos palmeares desta região na extração do “bró” para com elle se alimentar, sente-se ainda desanimado e pobre e não poderá (...) contribuir com tão pesado tributo sobre a carne, sem que a fome volte ao seu lar, de vez já se habituou a reduzir a metade, nas suas refeições, o primeiro alimento que é a carne.²⁶

A pecuária atingida sofreu com a mortandade do gado, obrigando os fazendeiros a venderem seus rebanhos ou emigrarem para outros lugares como mostra reportagem de *O Lيدador* “Acontece todavia que as estações falliram e falliram as pastagens, falliram quase todos os fazendeiros e até a ‘ semente’ de gado falliu em muitas fazendas”.²⁷ A seca e sua força desreguladora do cotidiano sertanejo atingiu também os fazendeiros da região, que não estavam imunes às consequências da seca, mas possuíam recursos para melhor enfrentar os efeitos da estiagem.

Considerações Finais

As crises climáticas afetam diretamente as populações rurais, reduzindo a produção agrícola e diminuindo o minguado poder aquisitivo das populações. Segundo relatório produzido pela Fundação Joaquim Nabuco, a concentração da força de trabalho nas lavouras amplia o impacto da crise, atirando rapidamente no desemprego centenas de milhares de trabalhadores e de pequenos proprietários rurais, que não tiveram como evitar as perdas provocadas pelas secas, provocando a vulnerabilidade das culturas alimentares. Isso ocorria porque esses sertanejos não conseguiam em anos de inverno normal, formar reservas de dinheiro ou alimentos que pudessem utilizar para sua sobrevivência em tempos de escassez. Já os médios e grandes empresários tinham algumas reservas e suportavam por mais tempo os efeitos da estiagem, mas não estavam totalmente livres dos seus efeitos.

Assim, percebemos que muitas foram as estratégias da população para enfrentar o maior problema causado pela seca -a fome- sendo necessário adequar a sua alimentação, incluindo alimentos impróprios, que poderiam causar intoxicações.

-
- ¹ Emily Rodrigues dos Santos - Mestranda pelo Programa de Pós Graduação -Mestrado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, como bolsista da CAPES e-mail: emily.1000@hotmail.com
- ² GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX(Sociedade e Política)*. Dissertação de Mestrado. Salvador, FFCH/UFBA, 2000.p. 04
- ³ THOMSON, Alistair,FRISCH, MMichael;HAMILTON,Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais, IN: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.
- ⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino- de problema à solução (1877-1922)*. (Dissertação) Mestrado em História do Brasil. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 1998.p. 23
- ⁵ CASTRO, Josué de. Geografia da fome:dilema brasileiro: pão ou aço.Rio de janeiro:Edições Antares,1984.
- ⁶ MARTINS, Daiane Dantas. *Um flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobreveincia na seca de 1932 (Vila de Canabrava do Gonçalves/Xique-Xique)*. (Dissertação) Mestrado, Santo Antonio de Jesus, UNEB, 2010.
- ⁷ Senhor Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida a autora em 27 de novembro de 2011.
- ⁸ CASTRO, Josué de. Geografia da fome:dilema brasileiro: pão ou aço.Rio de janeiro:Edições Antares,1984.
- ⁹ OLIVEIRA, Joseane Bispo.Trabalho e sociabilidade no sertão da Bahia:as “quebras” e “tiras” do licuri.2009 (Dissertação de Mestrado)
- ¹⁰ Senhor Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida a autora no dia 28 de Setembro de 2011.
- ¹¹ DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida a autora em 29 de Novembro de 2011.
- ¹² Luiz Maciel Sobrinho, entrevista concedida a autora em 19 de fevereiro de 2012.
- ¹³ *Jornal Correio do Sertão*, 18 de dezembro de 1932, nº 745. p.01.
- ¹⁴ DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida a autora em 29 de Novembro de 2011.
- ¹⁵ Senhor Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida a autora no dia 28 de Setembro de 2011.
- ¹⁶ Idem.
- ¹⁷ Idem.
- ¹⁸ CASTRO, Josué de. Geografia da fome:dilema brasileiro: pão ou aço.Rio de janeiro:Edições Antares,1984.p. 206
- ¹⁹ Senhor Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida a autora em 27 de novembro de 2011.
- ²⁰ Idem.
- ²¹ Ver: NETO. Dicionário das roças de cacau e arredores.
- ²² OLIVEIRA, Joseane Bispo.Trabalho e sociabilidade no sertão da Bahia:as “quebras” e “tiras” do licuri.2009 (Dissertação de Mestrado) p. 54
- ²³ Senhor Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida a autora em 27 de novembro de 2011.
- ²⁴ Senhor Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida a autora no dia 28 de Setembro de 2011.
- ²⁵ DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida a autora em 29 de Novembro de 2011.
- ²⁶ *Jornal O Lidador*, de 04 de Maio de 1934, nº 35. p.01.
- ²⁷ *Jornal O Lidador*, 04 de maio de 1934, nº35. p.1.